



VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: ASPECTOS QUE CONTRIBUEM PARA ESSA PRÁTICA

Autor Maria Goretti Rodrigues de S. Oliveira¹; Priscila Maria da Silva²; Dalnes Cristine de Freitas Gondim³; Prof^o Dr^a Edna Tânia Ferreira da Silva⁴; Prof^a Dr^a M^a de Fátima Leite Gomes⁵.

Universidade Federal da Paraíba – mari.agorett@hotmail.com

Resumo:

O presente artigo trata de uma revisão bibliográfica sobre o conceito de violência na escola, cujo interesse é reflexo de observações abstraídas por meio da mídia e de depoimentos de professores e alunos, de escolas públicas e privadas, do ensino fundamental ao médio. Isto posto, destaca-se a necessidade de se refletir sobre aspectos decorrentes da violência, bem como, dos fundamentos conceituais sobre o tema. Para tanto, foram consultados autores renomados que abordam a problemática, de forma crítica. Em seguida, para obter-se uma compreensão aprofundada do conceito em análise, recorre-se a técnica da pesquisa bibliográfica, através da análise de conteúdo, em que se busca selecionar concepções similares e contrárias acerca desta, à luz dos autores que foram consultados, a fim de que se possa assimilar essa categoria em sua complexidade, de modo que, seja entendida como reflexo das expressões da questão social e, portanto, não ser vista isoladamente.

Palavras-Chave: Violência Escolar, Educação, Indisciplina.

INTRODUÇÃO:

A escola é um espaço de aprendizado, de conhecimento, de formação. Local onde as relações sociais acontecem e as diferenças se encontram. Mas, na contemporaneidade, o ambiente escolar também passou a ser mais observado como espaço de violência em todo o mundo e em todas as classes sociais. No entanto, a violência na escola não é um fenômeno novo. Segundo Charlot (2002, apud Abramovay, et. tal, (2005 p.65) no Século XIX na França ocorreram violentas explosões em escolas secundaristas e, mais recentemente, nas décadas de 1950 e 1960, do Século XX, foram registrados que em escolas profissionais ocorreram relações violentas entre os alunos. E, conforme pontua Abramovay e Rua (2002, p. 29), na década de 1950, nos Estados Unidos

¹ Graduanda do Curso de Serviço Social da UFPB (Universidade Federal da Paraíba)

² Graduanda do Curso de Serviço Social da UFPB (Universidade Federal da Paraíba)

³ Assistente Social da Escola Municipal Nazinha Barbosa da Franca e do CRESS-PB

⁴ Professora Doutora do Departamento de Serviço Social da UFPB (Universidade Federal da Paraíba)

⁵ Professora Doutora do Departamento de Serviço Social da UFPB (Universidade Federal da Paraíba)



foram desenvolvidos os primeiros estudos acerca desse fato social. Na atualidade, esse fenômeno tem se tornado mais evidente, fato esse, que sinaliza a estreita relação entre o contexto econômico e demais aspectos sociais.

Assim, pretende-se através da referida revisão bibliográfica, compreender o real sentido do conceito de violência na escola, refletindo sobre seus fundamentos conceituais, aspectos e fatores que contribuem para essa prática.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada se fundamenta na perspectiva da Pesquisa Social, de caráter qualitativo, através do processo de revisão bibliográfica, no qual se realizou leituras sobre o tema a partir de vários autores conceituados, como: Miríam Abramovay, o Prof. Dr. Hélder Boska de Moraes Sarmiento, Prof. Dr. Carlos Jorge Paixão, Profa. Dra. Cely do Socorro Costa Nunes, Caren Ruotti, Renato Alves, Viviane de Oliveira Cubas, entre outros, mediante os quais se desenvolveu a fundamentação teórica na busca para compreender o real sentido do conceito da violência na escola.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O tema violência nas escolas, na particularidade brasileira, tornou-se discussão e debate substancial, particularmente, como resultado de levantamentos realizados após 1980 e que tiveram como tema: “As relações entre violência e escola”. A necessidade de se compreender esse fenômeno se deu, também, como consequência do momento histórico no qual se vivia, ou seja, a busca pela redemocratização, pelo acesso aos direitos sociais, pelo combate à pobreza e pelo pensamento de que, através da educação, se construía um país mais justo, menos desigual.

Nesse momento, predomina-se a ideia de que a escola necessita ser palco da igualdade e de ideais de justiça e de afirmação da cidadania. Neste sentido, enquanto espaço democrático, a escola passa a ser vista como espaço de respeito e de manifestações individuais e ou coletivas. Mas, contraditoriamente, enquanto lugar de convivência entre os opostos convive também, com manifestações que beiram a agressão verbal e ou física, consequências de fatores diversos.

Atualmente, em decorrência da gravidade e dimensão que tomou a violência nas escolas, muito se fala no enfrentamento a essa problemática, visto que, no cotidiano escolar passou a ser a principal demanda e causa da condução dos alunos (as) ao (às) especialistas ou à direção escolar.



Mas, segundo diversos especialistas, os primeiros passos para esse enfrentamento é distinguir violência de indisciplina, diferenciar as demandas, refletir se os atos praticados por alunos no ambiente escolar correspondem à violência, ou se se tratam apenas de hiperatividade, de uma busca para extravasar as energias, ou decorrem dos problemas vivenciados e absorvidos no seu contexto social. Para tanto, é preciso entender o termo “violência”, e assim escolher medidas que possam ser tomadas para minimizar tal prática. No entanto, diversos conceitos são atribuídos por parte dos estudiosos do referido tema e, dentre eles, versam várias discussões:

Chauí (2011, p. 379), dá o seguinte significado à palavra violência:

A palavra violência vem do latim vis, força, e significa: 1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3) todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4) todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito; 5) conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) utiliza a seguinte definição sobre violência: “O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação” Krug et al., (2002: 5 apud, ASSIS, CONSTANTINO e AVANCI, 2010 p. 42).

Chauí (1994, p.336 Apud SARMENTO, PAIXÃO, NUNES 2009, p.24) também pontua que “[...] Em nossa cultura, a violência é entendida como o uso da força física e do constrangimento psíquico para obrigar alguém a agir de modo contrário à sua natureza e ao seu ser. A violência é violação da integridade física e psíquica, da dignidade humana de alguém”. (Grifo nosso).

Em todas as definições supracitadas, os autores fizeram alusão à força, ou seja, é a situação em que geralmente o indivíduo que se julga mais “forte” oprime e constrange o mais “fraco”, para conseguir o que se almeja, mas sem fazer uso do diálogo. Corroborando com esse conceito, Sposito (1998, p.60 Apud ABRAMOVAY e RUA 2002, p.72), afirma que, “[...] violência é todo ato que implica a ruptura de um nexos social pelo uso da força. Nega-se, assim, a possibilidade da relação social que se instala pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito.” (Grifo da autora).



Por sua vez, o Filósofo e professor Bernard Charlot, (2005 p.25), relaciona violência à violação de direitos, à dignidade humana maculada, à negação da cidadania, e como algo que se contrapõe à educação, pois considera que:

“Violência” é o nome que se dá a um ato, uma palavra, uma situação, etc., em que um ser humano é tratado como um objeto, sendo negados seus direitos e sua dignidade de ser humano, de membro de uma sociedade, de sujeito insubstituível. Assim definida, a violência é o exato contrário da educação, que ajuda a advir o ser humano, o membro da sociedade, o sujeito singular. (sic)

Não há, pois, um consenso pleno sobre sua definição, assim, Abramovay e Rua (2002, p.69), evidencia que a dificuldade para se obter esse consenso sobre a violência, decorre da forma como esse termo é compreendido, “[...] o que varia em função do estabelecimento escolar, do *status* de quem fala(professor, diretor, aluno...), da idade e provavelmente do sexo.”(Grifo da autora).

De acordo com Debarbieux (2002, Apud CUBAS, 2006, p.24), a violência diz respeito não somente a incidentes múltiplos e causadores de problemas que escapam à punição, mas também a agressão brutal, caótica e deve-se levar em consideração o relato das vítimas o que faz com que, segundo ele, a construção da definição de violência escolar aconteça por intermédio das particularidades de um dado contexto. Ele ainda considera que a mídia influencia os pesquisadores, de modo que:

[...] acaba conduzindo as pesquisas acadêmicas a uma “pré-fabricação social da violência nas escolas”, ou seja, os especialistas que ainda têm pouca informação a respeito do fenômeno acabam, em alguns casos, endossando o que lhes é apresentado, muitas vezes de forma exacerbada, pela mídia. Voltar a atenção para algo que é enfatizado pelos jornais e pela televisão, mas que na prática não é o principal problema da escola, acabaria não só desviando o foco de questões que seriam mais relevantes como também acabaria criando ou reforçando estigmas.[...].

Mas, por se tratar de um fenômeno cujo conceito é relativo, há a necessidade de diferenciar a violência da indisciplina para não contribuir com uma estatística de violência na escola acima do que realmente é, visto que, como afirmado por Camacho (2001, p.128): “A violência se confunde se interpenetra, se inter-relaciona com a agressão de modo geral e/ou com a indisciplina, quando se manifesta na esfera escolar”.

Se não houver essa diferenciação, padrões comportamentais podem ser criminalizados, pois estes mudam segundo o padrão estabelecido até mesmo por países, pois, o termo violência muda de um país para outro, de acordo com a concepção de cada autor, e o que é identificado como violência para uns, não passa de uma indisciplina ou incivilidade para outros, exemplo disso é o que acontece



nos Estados Unidos, onde para se referir à violência, o termo usado é delinquência juvenil, e são considerados como tal, a agressão, conflitos, condutas desordeiras, segundo afirma Abramovay, Ruas (2002,p.72).

Quando se usa o termo “violência”, o que logo vem à mente é a agressão física, brigas; porém, o tipo de violência também é diferenciando de acordo com a cultura e concepção de um povo. Segundo a literatura norte-americana, os tipos de violência conforme pontua Abramovay e Ruas (2002.p. 73), são: Gangues (Grupo organizado que se reúne para prejudicar algo ou alguém; e no Brasil significa jovens que se comportam de maneira agressiva), Xenofobia (Aversão aos estrangeiros ou ao que vem do estrangeiro, ao que é estranho ou menos comum.), Bullying. Esses mesmos temas na França são considerados enquanto incivilidade no meio escolar, o qual segundo Debarbieux (1998, Apud ABRAMOVAY, RUAS, 2002, p.74): “[...] seriam violências antissociais e antiescolares [...]”.

Ainda de acordo com Debarbieux, (1996, apud ASSIS, CONSTANTINO E AVANCI, 2010 p. 47-48):

‘Incivilidades’: atos que vão da indelicadeza e má-criação das crianças a vandalismo. São resultantes da pequena delinquência e estão relacionados a formas de relações humanas e à cidadania. As incivilidades mais inofensivas parecem ameaças contra a ordem estabelecida, transgredindo os códigos, códigos elementares da vida em sociedade, como o código de boas maneiras (...), pode ser vista como o componente sociológico da intimidação. O que é grave não é o ato de incivilidade, mas sua repetição, a sensação de abandono que provoca nas vítimas e o sentimento de impunidade que se desenvolve entre os perpetradores. (sic).

Embora ocorram essas divergências quanto ao tipo ou ao que se pode chamar de violência nas escolas, vale salientar que nos dias atuais a violência representada como Bullying, engloba diversos tipos, estando também inclusa a violência física e ou psicológica. Desta última, fazem parte as que muitos autores denominam de incivilidade e não deixam marcas físicas, mas deixam feridas na alma que não cicatrizam e quem um dia foi vítima, pode torna-se agressor.

Charlot (1997, Apud SARMENTO, PAIXÃO, NUNES 2009, p.25) faz uma classificação da violência, dividindo-a em três níveis: “[...] i) **Violência**: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo. ii) **Incivilidades**: humilhações, palavras grosserias, falta de respeito. iii) **Violência simbólica ou institucional**: compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos, o ensino como um desprazer, a depredação do patrimônio público [...]”(sic). (Grifo nosso).

Dentre os tipos de violência supracitados, o que mais ocorre nas escolas é a incivilidade e violências institucionais, visto que, são essas as demandas que comumente são conduzidos aos



especialistas, salientando que essa diferenciação é fundamental para que se reflita sobre as formas de ação, opções e possibilidades de intervenção e prevenção para os casos de violência na escola.

Mas, segundo a OMS, as diferentes formas de violência são:

‘Violência física’: uso da força para produzir lesões, traumas, feridas, dores ou incapacidades. **‘Violência psicológica’**: agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a pessoa, restringir sua liberdade, ou ainda isolá-la do convívio social. **‘Violência sexual’**: ato ou jogo sexual que ocorre nas relações hétero ou homossexuais e visa a estimular a vítima ou a utilizá-la para obter excitação sexual e práticas eróticas, pornográficas e sexuais impostas por meio de aliciamento, violência física ou ameaças. **‘Negligência ou abandono’**: ausência, recusa ou a deserção da atenção necessária a alguém que deveria receber cuidados. **(Grifo nosso)** Brasil, 2001; Krugel al., (2002 **Apud** ASSIS, CONSTANTINO, AVANCI, 2010 p. 43). *(Grifo nosso)*

Diante de tanta controvérsia e falta de consenso sobre a violência na escola, deve-se buscar no contexto a razão para tal ato, visto que, mesmo que seja entendida de maneira eventual, ainda haveria uma causa para o ato. Sob essa lógica, Funk (2001, apud, ABRAMOVAY, RUAS, 2002, p. 78), elenca alguns fatores: **1- “[...] às violências entre aluno**: baixa autoestima, (...) alguns traços de personalidade à violência, contexto familiar marcado pela falta de diálogo, violência doméstica, falta de interesse dos pais no desenvolvimento escolar (...) desejo de se fazer aceitar no grupo de referência, e formas de viver e representar a masculinidade; [...]” **2- Quanto à Escola**, Funk (2001) prossegue afirmando que está relacionado à fragilidade do ensino, relação conflituosa entre alunos e professores, falta de motivação, não enfatizar a importância do ensino no futuro dos alunos, uma vez que, ocasiona a repetência., **3- A exposição à mídia**, programas de violências, **4.-Tipo de comunidade e vizinhança**, bem como o grau de violência encontrado na comunidade.

Entre as possíveis causas, inclui-se a violência familiar, considerando-se que muitos fatos que ocorrem na escola são reflexos do cotidiano do aluno, como: convivência com familiares agressivos, com uma comunidade violenta, muitas vezes, estimulando a reprodução desse tipo de comportamento na interação com outros alunos, professores e demais profissionais da escola.

Arelado a essas causas, percebe-se, conforme alguns autores, o uso de armas, drogas, envolvimento com facções as quais podem estimular novas dimensões à violência na escola, provocando um tipo de violência relacionada à infração das legislações, não apenas aquelas que são identificadas como indisciplina.

Outro aspecto identificado, de acordo com Chauí (1998) é o mau comportamento de uma criança na escola, e muitos casos de violência no âmbito escolar decorrem do limite que não é dado à criança no ambiente familiar, da ética que não lhe foi estabelecida para uma convivência saudável com seus pares. Assim, Chauí (1998, p.380-381) relaciona a violência também à falta de ética:



A violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos. Na medida em que a ética é inseparável da figura do sujeito racional, voluntário, livre e responsável, tratá-lo como se fosse desprovido de razão, vontade, liberdade e responsabilidade é tratá-lo não como humano e sim como coisa, aplicando-lhe violência nos cinco sentidos em que demos a essa palavra.

Portanto, uma criança que não foi ensinada a respeitar o próximo, a conviver com o outro pacificamente, a desenvolver relações sociais embasadas por um comportamento que coloque em prática hábitos e virtudes típicos de quem tem uma vivência com a ética, o resultado será a prática da violência, pois, a ética possibilita condições de vida em segurança como afirmado por Sarmento, Paixão, Nunes (2009, p.22):

[...] a ética foi se constituindo como condição para um viver seguro, ou seja, viver de acordo com as leis, os costumes, as virtudes e os hábitos gerados pelos indivíduos em sociedade. Assim, a ética contempla o coletivo e o individual, o sentimento e a razão, o pensamento e o comportamento, a vida social e política na sociedade.

Mas, o que na maioria das vezes acontece é que a família transfere para a escola o dever de educar, e a sociedade passa a cobrar dos educadores uma falha que está para além das salas de aulas como afirmado por Hayden, (2002 p. 137). “A perda da autoridade dos pais perante os filhos, a transferência de responsabilidade para a escola no que se refere à educação, inclusive a moral dos filhos, ou seja, a desestruturação da família, enquanto instituição, também pode ser identificada como possível causa da violência escolar”.

Portanto, é de grande importância que a escola ao se deparar com a situação de violência no âmbito escolar, busque identificar o que leva o (a) aluno (a) a desenvolver comportamento violento no ambiente voltado a contribuir com a construção e formação do saber, que procure visualizar a essência, a razão da violência e isso se consegue quando há um vínculo entre escola e a família, pois é através de um relacionamento transversal que se consegue obter bons resultados no que diz respeito à escolarização de crianças e adolescentes, assim como, contribuir de forma propositiva para, segundo Aquino (1998,p.41) combater à violência escolar através de uma reformulação das suas normas estabelecidas e relações internas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Mediante as reflexões sobre os aspectos que contribuem para a violência nas escolas, constata-se que os diversos debates nos dias atuais são decorrentes da dimensão que esse fenômeno social tem tomado.

Assim, vale ressaltar que sobre o referido tema ocorrem diferentes interpretações e inúmeras causas lhes são atribuídas. Igualmente, se faz necessário compreender que não se pode naturalizá-lo, e sim buscar meios para se criar estratégias que a minimize.

Neste sentido, para enfrentar-se essa problemática, não se deve deter-se apenas em registrar os casos e os contabilizar, nem tampouco considerar que faz parte do cotidiano escolar. Isso seria uma maneira de naturalizar a situação, quando na verdade, a violência na escola não pode ser vista de forma isolada, visto que, se trata de um reflexo das diversas expressões da questão social.

Para tanto, é imprescindível identificar os tipos de violência que ocorrem na escola, a fim de analisar os fatos criticamente, buscando a totalidade em que se inserem, bem como, as causas e os fatores que colaboram para o surgimento desse fato social.

Portanto, encontrar estratégias de superação no cotidiano escolar, concomitante com um trabalho social que envolva a família e a equipe interdisciplinar, por meio do estímulo ao diálogo, e que resgate a autoestima do aluno, é urgente. Da mesma forma, estabelecer um vínculo com a família e a comunidade e, principalmente, utilizar da autoridade e não de autoritarismo, de modo a estimular a conscientização não apenas dos alunos, mas também dos pais acerca das consequências causadas pela violência na escola.

REFERÊNCIAS:

ABRAMOWAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.

ASSIS, Simone Gonçalves de. CONSTANTINO, Patrícia. e AVANCI, Joviana Quintes. **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação / Editora FIOCRUZ, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria MS/GM n. 737 de 16 de maio de 2001. **Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências**. Diário Oficial da União, Brasília, n. 96, 2001. Seção 1E, 18 maio 2001.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. **Violência e indisciplinas práticas escolares de adolescentes: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si.** São Paulo; 2000. 265p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da USP.

CHAUÍ, Marilena. **Senso comum e transparência.** O preconceito. São Paulo: Secretaria da Justiça e Defesa da Cidadania/Imprensa Oficial, 1996/1997. Apud SCHILLING, Flávia. Indisciplina, violência e o desafio dos Direitos humanos nas escolas. IN: Enfrentamento à violência na escola / Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos– Curitiba: SEED – Pr., 2010. p.13-17 (Cadernos temáticos dos desafios)

_____. **Ética e violência no Brasil.** Revista Bioéthikos- Centro Universitário São Camilo - 2011;

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como sociólogos franceses abordam essa questão.** **Sociologias**, Porto Alegre, Ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 432-443. Disponível em< <http://www.scielo.br> >. Acesso em: 27/Jul/2016

_____. Prefácio. In: ABRAMOVAY, M. et al. **Cotidiano das Escolas: entre violências.** Brasília: Unesco, Observatório de Violências nas Escolas, MEC, 2006.

CUBAS, Viviane. **Violência nas escolas: como defini-la?** In: **Violência na escola : um guia para pais e professores** Ruotti, Caren. **Violência na escola : um guia para pais e professores / Caren Ruotti, Renato Alves, Viviane de Oliveira Cubas.** – São Paulo : Andhep : Imprensa p.23-46. Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

DEBARBIEUX, Éric. **Violência nas escolas: divergências sobre palavras e um desafio político.** In: DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine (Orgs.). **Violência nas escolas e políticas públicas.** Brasília: UNESCO, 2002. p. 59-92.

FUKUI, Lia. **“Estudo de Caso de segurança nas escolas públicas Estaduais de São Paulo”.** In: **Caderno de Pesquisa-Fundação Carlos Chagas.** São Paulo:Cortes, nov.,nº79,991,pp.68-75 Apud ABRAMOWAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violência nas escolas.** Brasília: UNESCO, 2002.

SCHILLING Flávia . **Indisciplina, violência e o desafio dos Direitos humanos nas escolas.** IN: **Enfrentamento à violência na escola / Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos– Curitiba: SEED – Pr., 2010. p.13-17 (Cadernos temáticos dos desafios)**

SARMENTO, Hélder Boska de Moraes. **Violência e ética no cotidiano das escolas / Hélder Boska de Moraes Sarmiento (Org.); Carlos Jorge Paixão; Cely do Socorro Costa Nunes.** – Belém: Unama, 2009.